

---

## A MORTE VISITADA ATRAVÉS DA MEMÓRIA ORAL EM PONCIÁ VICÊNCIO

Dejair Dionísio<sup>1</sup>

*“É para fazer funcionar de novo minha  
fábrica de palavras que devo extrair novo  
combustível dos poços do não-escrito”*

(Ítalo Calvino)

### **Resumo:**

Ponciá mergulha nas perdas familiares de várias formas. Verificar como essas perdas são percebidas no texto de Conceição Evaristo - Ponciá Vicêncio passa a ser importante para poder entender o movimento da trama e o ritmo que o enunciador da obra. Sem meias palavras, a personagem central (re) visita em vários momentos e de forma diferenciada, a sua vida através de várias simbologias, como: a aparência com o avô, histórias contadas pela “griot” de sua comunidade, pela educação não oficial e pela memória oral.

**Palavras-Chave:** Lei 10639/2003, memória, morte, oralidade.

### **Abstract:**

Ponciá goes inside the family losses in different ways. To verify how these losses are perceived on the text from Conceição Evaristo - Ponciá Vicêncio starts to be important to understand the story's movement and the enunciator's pace in the book. With full words, the main character visits, in many moments and with different ways, her own life between many symbologies, as: the likeness with her grandfather, stories told by the community's "griot", her non-official education and by the oral memory.

**Key-Words:** death, Law 10639/2003, memory, orality.

### **Introdução:**

O texto *Ponciá Vicêncio* apresenta-se como uma das produções negro-literárias que têm tomado corpo no meio acadêmico atualmente, em decorrência das ações afirmativas que culminaram com a aprovação da Lei

---

<sup>1</sup> Mestrando da Universidade Estadual de Londrina no Programa de Pós-Graduação em Letras e pesquisador do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos. contatos: e-mail: [dejair@uel.br](mailto:dejair@uel.br) Endereço: caixa postal 6001 UEL/NEAA.

---

10639/03. Nesse aspecto, pretendemos analisar a importância desta obra em particular da contadora, escritora e poetisa Conceição Evaristo, procurando perceber a evidência de ocorrências orais e a busca aflitiva da personagem central em buscar o seu *ethos*.

Isso se apresenta no tratamento de problemas inerentes à condição afrodescendente que aparecem na obra, visto que é perceptível o cruzamento do momento do discurso com o tempo em que o mesmo acontece e a influência que isso causa nos personagens narrados pelo enunciador na obra em questão. Posições e arranjos dos indivíduos do texto partem ou resultam em processos de negociação, não só condicionados pela realidade partilhada entre os mesmos, como pelas ações modeladoras, segundo valores e normas sociais. Estes se caracterizam por certo dinamismo e possibilidades de transformação e (re) significação. Também se observa a tentativa de outros personagens, localizados na borda do texto, de encontrar o seu *ethos*. Torna-se, portanto, perceptível à busca valorativa do (a) afrodescendente, falando de si mesmo. Reconhecem-se no seu meio; fazem buscas em suas memórias para descobrirem-se enquanto seres que são reflexo da tensão e da representação dessa mimese. O caráter agonístico, o medo, a dúvida... Enfim: o antagonismo de suas vidas.

### ***Literatura e oralidade:***

A oralidade é um modo de narração do mundo. Segundo Antonio Candido (2000), a “literatura oral”, assim como a literatura escrita, deve ser entendida a partir da distinção entre função total, função social e função ideológica. Isso não significa dizer que apenas uma é importante: na verdade, a análise conjunta dessas três funções é que nos permite compreender o verdadeiro sentido de uma obra poética. Entre elas, destacamos a função social presente na narrativa de vida de Ponciá, uma vez que tal função é predominante nos discursos orais e “comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações

---

sociais, na satisfação das necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade”. (2000: 41)

A poesia oral, presente nas culturas tradicionais africanas, pode ser entendida a partir do entendimento do papel do *griot* para essa comunidade. O texto recupera a sua: “posição de destaque, pois lhe cabia transmitir a tradição histórica: era o cronista, o genealogista, o arauto, aquele que dominava a palavra.” (UNESCO, 1982: 77)

Sendo assim, através dessa percepção, a figura do *griot* foi incorporada à literatura produzida pelos poetas, contistas e romancistas africanos comprometidos com a luta de libertação das colônias. Serviu como palavra conscientizadora para o povo, foi arma e estratégia de luta. No Brasil, encontramos, sobretudo na voz dos descendentes de africanos, uma poética que rememora África, denuncia a condição de vida dos diásporizados e, nas últimas décadas, apresenta-se afirmando um sentimento positivo de etnicidade. Isso é percebido no texto, Ponciá Vicêncio quando o narrador ao citar a figura da *griot*, assinala: “Nêngua Kainda, aquela que tudo sabia, mesmo se não lhe dissessem nada” (EVARISTO, 2005: 128). Ainda sobre o papel do *griot*, ele era “Bastante confundido com o ‘feiticeiro’, exercia, de fato, por vezes, a função de ‘adivinho’, o que era diferente.” (UNESCO, 1982: 77)

Por conta dessa recuperação oral, a identidade negra vai ser afirmada em cantos de louvor e orgulho étnico. O corpo negro surgirá alforriado pela palavra poética. É como se a escrita negra, ao relembrar o passado, procurasse imprimir outras lembranças às cicatrizes de chicotes ou às marcas iniciais dos donos-colonos do corpo escravo.

A palavra literária surgirá como elevação, assunção do corpo negro. O texto negro atualiza signos e lembranças que inscrevem o corpo negro em uma cultura específica. É preciso ressaltar, porém, que não é somente a cor da pele do escritor que vai situar a sua escrita como literatura negra, mas a maneira

como ele vai viver em si a condição e a aventura de ser um (a) negro (a) escritor (a).

Sendo o próprio negro o tema dessa literatura, ou seja, o objeto, que ao mesmo tempo é o seu pesquisador, observador e motivador, concordamos que o “universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura” (Ianni, 1988, p.54) é o que a caracteriza não somente pela cor da pele ou as origens étnicas de um autor, não podendo deixar de considerar que a experiência vivida por uma pessoa negra, numa sociedade definida e orientada por valores brancos, é pessoal e intransferível. E que o escritor negro vive, pois, uma situação singular e única, quando comparada à experiência do outro, que não vivencia em si uma condição étnica negra. Há de se considerar, ainda, que o sujeito autor está historicamente condicionado a uma época e a um lugar, conscientes ou não, participantes “ativos ou passivos”, dos problemas, das questões de seu tempo.

Se para Linda Hutcheon, a “discussão não só sobre a perspectiva feminista mas também sobre as perspectivas negra..., étnica, e outras importantes perspectivas minoritárias (oposicionistas)” (Hutcheon, 1991: 14) essa conquista pressupõe que os afrodescendentes redefinam a sua história, sendo necessário, também destacar as mulheres negras escritoras, apontar as “Mães” dessa escrita negra, articulando etnia e gênero. Nesse sentido aparece o nome de Conceição Evaristo.

### ***Conceição Evaristo e sua produção:***

Nasceu em 1946 Maria da Conceição Evaristo de Brito, numa favela situada no alto da Avenida Afonso Pena, posteriormente uma das áreas mais valorizadas da zona sul de Belo Horizonte. Com o tempo, a avenida ganhou um prolongamento, prédios se ergueram, barracos e moradores foram sendo removidos e os becos e vielas da infância foram se alojar na memória afetiva da futura escritora. Dona Joana Josefino Evaristo Vitorino, sua mãe, e a já falecida

tia Maria Filomena da Silva, assim como outros membros de sua família, conseguiam encontrar tempo para contar histórias aos pequenos e acompanhar muitas delas em cadernos que eram grafados a lápis, depois de lavarem e passarem a roupa da freguesia. Esses manuscritos ainda estão guardados, recordando a dura rotina de trabalho e estudo, exigência da mãe severa, preocupada com o futuro dos seus nove filhos. Apesar de tudo, assim se fez: a menina cumpriu sua formação básica em escolas públicas da capital mineira, mas só terminou os estudos do antigo Curso Normal (que hoje seriam o Fundamental e Médio) aos 25 anos, pelo Instituto de Educação de Minas Gerais. Ela era de uma continuidade de gerações de cozinheiras, arrumadeiras e lavadeiras que serviram a tradicionais famílias da cidade, encontrando dificuldades imensas quando se dispôs a estudar. Muitas dessas famílias, temendo perder alguém que continuaria o trabalho de suas antigas domésticas, desencorajavam seus planos. Em depoimento a Duarte, a escritora falou a respeito desse assunto:

Enquanto trabalhava como doméstica e após concluir o Curso Normal, eu sonhava em dar aula em Belo Horizonte. Mas aí entra uma questão seríssima. Em 1971, não havia concurso para o magistério e, para ser contratada como professora, era necessário apadrinhamento. E as famílias tradicionais para quem nós trabalhávamos não me indicariam e nunca indicaram; não imaginavam e não queriam para mim um outro lugar a não ser aquele que ‘naturalmente’ havia me reservado. Houve mesmo uma patroa de minha tia, numa casa em que eu ainda menina e já mocinha ia fazer limpeza, lavar fraldas de bebês, ajudar nas festas, entregar roupas limpas e buscar as sujas, que fez a seguinte observação: ‘Maria, não sei porque você esforça tanto para a Preta estudar!’<sup>2</sup>

Transferindo-se para o Rio de Janeiro em 1973, é aprovada em concurso público para o magistério e conquista uma vaga na Universidade Federal do Rio de Janeiro, formando-se em Letras (Português-Literatura). Ingressou no

---

<sup>2</sup> Depoimento de Conceição Evaristo concedido a Eduardo de Assis Duarte em dois de março de 2006.

mestrado em Literatura Brasileira da PUC/RJ onde defendeu, em 1996, a dissertação “Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade”. Mais tarde, vem o doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, cuja pesquisa de tese investiga a produção de autores africanos de língua portuguesa em confronto com a literatura afro-brasileira.

Em meados de 1980, a autora entra em contato com as atividades do Grupo Quilombhoje e da publicação, em São Paulo, da série Cadernos Negros. Era um momento de efervescência dos movimentos pela igualdade racial, com mobilizações nas principais cidades brasileiras. Em 1990, o número 13 de Cadernos Negros traz impressos os primeiros poemas de Conceição Evaristo, entre eles o conhecido “Vozes-mulheres”, que figura até hoje como uma espécie de manifesto-síntese de sua poética. Publicando sempre em antologias, anualmente encontram-se trabalhos seus publicados na série Cadernos Negros, sendo a que temos: *Cadernos Negros – Poemas* – volumes: 13, 15, 19, 21, 25; *Cadernos Negros – Contos* – volumes: 14, 16, 18, 22; *Cadernos Negros – Os melhores Poemas*; *Cadernos Negros – Os melhores Contos* (1998). Temos ainda o livro *Becos da Memória* publicado em 2006 pela Mazza Edições de Belo Horizonte e o livro *Ponciá Vicêncio*, que teve a sua primeira publicação em 2003, com segunda edição em 2005, também pela Mazza Edições de Belo Horizonte que é a bora da qual nos ocuparemos nesse texto.

O fato de testemunhar a sua vida, através da entrevista concedida e aqui recuperada, nos ajuda a perceber que pela perspectiva da história oral, pela ótica de Etienne François ela “dá atenção especial aos ‘dominados’, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.)” (1996: 4). Essa atenção especial, também vai ao encontro das idéias de recuperação através da oralidade da percepção de complacência da alteridade de toda a diáspora negra, de como os arranjos sociais se prenunciam, uma vez que esse processo estético de criação do texto, perspassa pela sua própria história pessoal. Para Danièle Voldman “o relato de vida se apresenta às vezes

como o instrumento exclusivo da história oral e também porque a reflexão sobre o método biográfico é alimentada por uma abundante bibliografia” (1996: 255). É factível a leitura e a bibliografia pessoal acumulado pelo processo de aprendizado da escritora.

### ***Holocausto Negro e a Lei 10.639/2003:***

O Holocausto Negro iniciou-se com a vinda dos negros da África, que foram vendidos e negociados como mercadorias descartáveis, para o cultivo da terra, escravizados, espancados, marcados a ferro em brasa, assassinados, vítimas de açoite e outros atos de violência. Os navios negreiros trouxeram pelo menos 13 milhões de pessoas da África para as Américas, em uma das maiores deportações da história mundial. Segundo Carlos Moore,

A hemorragia humana que a África conheceu com os diferentes tráficos negreiros, de uma parte, e como a colonização europeia, de outra, nunca teve paralelos na história da humanidade. Simplesmente, se tratou de um **genocídio racial**. (MOORE, 2008: 33)

Moore (2008), ainda nos diz que o transporte dos negros como escravos para as Américas, começou em 1520. Durante as décadas seguintes, o número de caçados e deportados chegou à cifra anual de até 50.000 pessoas, o que não deixou de ser um dos mais rentáveis negócios daquela época. E é justamente esta desmedida procura pelo lucro fácil que faz com que as pessoas tornem-se cegas, pois a deportação e o comércio de escravos não apresentaram outro motivo aparente.

Tudo o que foi abordado anteriormente, explica porque no dia 9 de janeiro de 2003, foi dado um dos maiores passos em relação às políticas públicas de inclusão e de afirmação dos afrodescendentes, a Lei 10639/2003, que assim ficou redigida:

---

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'.

Isso constituiu-se numa grande mudança e quebra de paradigmas para os afro-brasileiros, para os movimentos negros e outros órgãos diretamente vinculados ao assunto. Trouxe, na realidade, uma grande contribuição para entendermos o que é esse emaranhado de conhecimento lingüístico, poético; essa diversidade étnica que ocorreu no país devido à miscigenação provocada pela presença negra.

Portanto, esse lugar do invisível apresenta-se, pelo menos, como sendo pertencente aos afro-brasileiros, no momento que se propõe a discutir em romances, a sua própria percepção e visão de mundo. Essa situação se verifica na própria questão apresentada na obra, quando um dos personagens, Luandi, irmão de Ponciá, observa que na cidade, negro tem poder, até vira soldado, como percebeu ao encontrar o soldado Nestor, que o abordou na estação de trem do centro urbano para o qual se dirigira. Essa mesma invisibilidade que aparece no texto também é percebida e:

Parece trivial, mas não é. Será que aquilo que a gente vê, é mesmo aquilo que a gente vê? Ou a gente vê não o que olha, mas a relação com aquilo que olha? Se for assim, quando se olha alguém, ou alguma coisa, olha-se também para dentro de si mesmo. Em outras palavras, se este argumento fizer sentido, seria legítimo afirmar que a pessoa – um espelho para nosso espírito, nosso estado psicológico, nossa educação, valores, emoções, conhecimento, compromissos profissionais, responsabilidades sociais, posição na estrutura

---

familiar, etc. Enfim, tudo aquilo que faz a gente ser o que é.  
(SOARES, BILL, ATHAYDE, 2003: 72)

***Perdas em Ponciá Vicêncio:***

No texto, aparecem situações de morte que vão desde o assassinato, a tentativa de suicídio, do aborto espontâneo e o genocídio, este sendo citado em relação à escravidão. A narrativa explora com profundidade as várias perdas de memória e de identidade ocorridas ao longo do texto, como a morte do avô, do pai, dos sete filhos, apartando-se de si mesma, em decorrência desses grandes abalos emocionais, de ausências, vazios. Assim, surge logo no início do texto o primeiro drama de Ponciá: a ausência de nome de família. O “Vicêncio”, que a sua família usa como sobrenome, provém do dono da fazenda, antigo dono de terra e de escravos. O narrador explora com cuidado, mas com profundidade esse primeiro drama: a ausência de nome denuncia a falsa libertação escrava no país, apesar do “13 de maio”. Isso resulta numa falsa cidadania, uma vez que despojado do nome, não há referência de antepassados naturais, apenas daqueles construídos pela apropriação do corpo, da alma, da memória e da identidade de um povo. Isso provoca profunda melancolia em Ponciá, que, sendo esse conceito empírico por excelência, a faz pensar em excesso, alimentando tanto a reflexão filosófica quanto a verve poética, que vai se manifestar ao longo do texto na sua quase desesperada necessidade de voltar a produzir seus trabalhos manuais com o barro. Assim, a sua intencionalidade que caracteriza a relação com o mundo em que vive e no qual a comporta faz com que a mesma carregue esse vazio, essa ausência de auto/falsa-nomeação, que se trate do processo de identificação romanesco ou do alcance existencial de uma reflexão filosófica, a melancolia não pode deixar de conduzir aquele que ele assume no sentimento da vaidade e da finitude. Assim:

esse mal, ao contrário, agarra-me às vezes com tal tenacidade que me abraça e me tortura noites e dias inteiros. E esses momentos, para mim, não se parecem mais com luz e com a vida: é uma noite infernal e uma morte cruel. E no entanto! Farto-me dessas penas e

---

dessas dores, com uma espécie de volúpia, tão pungente que, se dela alguém vem me arrancar, é contra minha vontade. (LAMBOTTE, 2000 p. 56)

É possível verificar essa histeria do espírito de Ponciá, pois ela não aspira à retomada de sua identidade, pela simples razão de que ele não a conhece e se queixa de nunca ter tido. Esse sofrimento reside na impossibilidade de poder emitir o mínimo desejo, sufocado que está na idéia fixa de achar-se, de se encontrar, mas já estava perdido de antemão. Esse espírito ponciano cai na apatia ou na alucinação, por nunca ter apreendido seus limites fora da projeção de quem é realmente. Isso é percebido no texto em alguns momentos:

Quando mais nova, sonhara até com outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Panda, Malenga, Quietí, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha, então, vontade de choros e risos. (EVARISTO, 2005: 16)

O homem de Ponciá Vicêncio começou a achar que a mulher estava ficando doente. Impossível tanta lerdeza, tanta inanição em quem era tão ativa. Era verdade que, desde os primeiros tempos que a conhecera, ela, às vezes, já ficava assim, meio paradona. Parecia que ela fugia dela, mas quando retornava, chegava ativa como sempre. Agora não. As ausências, além de mais constantes, deixavam Ponciá durante muito tempo fora de si. Passava horas e horas na janela a olhar o tempo com um olhar vazio. (EVARISTO, 2005: 98)

Que olhar vazio é esse que tanto incomodava a “inominada” e “o homem de Ponciá Vicêncio”? Parece-nos ser de melancolia, que é fruto de uma perda e, neste sentido, o sujeito melancólico sofre por ser incapaz de encontrar (e não reencontrar) o objeto perdido no mundo externo através da simbolização. Os

encadeamentos de significantes são incapazes de garantir a condição necessária para o reencontro. Esse sujeito recusa a perda e conserva-se fixado a ela. Assim, essa recusa melancólica e a introjeção do objeto induzem para uma pulsão de morte e para a destruição de si mesmo e do objeto e, portanto, a fase maníaca funcionaria como uma compensação, por meio da conformidade com as emoções inominadas. Essa autodestruição funcionaria como o encontro com o objeto desejado (seu nome, sua identidade) que está “sempre em outro lugar, como as promessas do nada, da morte”. (KRISTEVA 1989:5)

O não perceber a chegada da morte e ter ritualizado tal sorte gerou espectros em Ponciá e em sua mãe. O texto nos mostra que há muitos fatores que interferem nas respostas à perda, tais como a forma da morte (morreu nas terras dos brancos), a oportunidade (estava trabalhando e tombou de uma dor aguda), o conhecimento prévio (a mãe esteve sonhando com o marido, mas não via o rosto do mesmo, ora estava de costas para ela, ora estava com o chapéu a cobrir-lhe os olhos), e a preparação para a perda (os unguentos de Nêngua Kainda na tentativa de abrandar ou evitar tal situação), mas o fator-chave parece ser as relações, as interações que existiam entre o sobrevivente e o morto. A psicologia dinâmica tende tradicionalmente em pensar termos da relação de um sujeito com seus objetos. Os conceitos são centrados em uma “pessoa” ou “sujeito” e pensa-se primeiramente em termos da existência e da função daquela pessoa. Quando se trata de casamentos (mãe de Ponciá), contudo, ambos os parceiros e a relação entre si devem ser estudados. PINCUS (1989) diz que tem sido feitos estudos no sentido de dividir o luto em fases observáveis, e há uma tendência em concordar que o choque é a primeira resposta à morte de uma pessoa importante (o pai de Ponciá) e que este será particularmente acentuado no caso de morte súbita e inesperada. Ela pode encontrar conforto na recusa e na incapacidade de aceitar a realidade da morte. Ela não tinha como “ir levando a vida” como forma de se ocupar para esquecer a morte do pai, inclusive a sua mãe. O que se percebe é que houve uma contínua **busca** da

pessoa perdida. A tentativa de arranjos, ela o fez, mas sem sucessos. Arranjos esses que acabavam ao ver o ritual contínuo de sua mãe despedindo-se de seu pai, como fazia ao vê-lo se deslocar para o local de trabalho. Para aquela família, não houve o processo de luto. O luto reprimido e adiado não aconteceu, contribuindo para a interiorização da pessoa perdida levando-os a uma vida empobrecida de significado familiar. Vejamos o que o texto nos diz:

Ponciá ficou muito tempo, anos talvez, esperando que o pai pudesse surgir retornar a qualquer hora e por qualquer motivo. A mãe, talvez, partilhasse desta mesma sensação, pois sempre conservou as coisas do homem no mesmo lugar[...] caminhava para frente cinco passos e com um gesto longo e firme abraçava o vazio. A mulher não acreditava que seu homem tivesse apartado de vez. (EVARISTO, 2005: 30-31)

Com a morte de seu pai, a distância do fato do seu cotidiano, bem como o não-luto familiar, ocasionou uma ameaça à sua segurança e trouxe consigo medos e tentativas de afastar-se da realidade assustadora por meio da fantasia. Não ajudar aquela criança a perceber e a compreender suas reações ao evento mais importante de sua vida negou-se a infante Ponciá a possibilidade de apartar-se desse vazio e dar um significado diferente à sua vida.

Dastur (2002) faz alusão à definição aristotélica de que o homem é um animal político. Ele diz que o mesmo possui uma relação muito mais profunda com seus predecessores. Logo, acresce-se a todo ato político, um peso histórico que ultrapassa o indivíduo que o promove. A vida humana seria então, segundo Heráclito, uma vida “com” os mortos. A crença grega em um *daimon* pessoal que acompanha a vida de cada homem, anunciando essa comunidade por meio do espírito dos ancestrais é o alicerce de toda cultura. E toda cultura é cultura da morte revelada por ritos funerários, pelo culto aos ancestrais e preservação da própria espécie. Ao matar a mulher e quase se matar depois, o avô de Ponciá tentou matar o próprio filho, pai de Ponciá. Aquele era um outro tempo. Ponciá nem havia sequer possibilidade real de nascimento. O avô fizera

aquilo num momento de desespero, no momento da escravidão. “Vô Vicêncio queria morte. Se não podia viver, era melhor morrer de vez.” (EVARISTO, 2005: 72) Ele, ao que tudo indica, não queria manter vivo outro ser vivente semelhante a si, com o intuito de participar o quanto fosse possível do eterno e dar vida à sua ancestralidade. Percebeu que se encontrava na posição de um herdeiro ao ingressar naquele mundo, deparando-se com possibilidades preestabelecidas (não concebidas por si próprio) que podem ou não ser assumidas como suas, mas é pela capacidade de abrir-se a essas possibilidades que se torna herdeiro legítimo e está apto para assumir sua própria artificialidade. Apesar disso, podemos concluir que a fundamentação da existência está sobre o abismo da obscuridade e do esquecimento e somente existindo é que se experimenta a morte e sempre há estratégias para dominá-la.

#### ***Percepções:***

O texto trabalha a questão da morte de forma densa, não-naturalizada, muito menos desprovida de sensibilidade. O narrador reflete através de suas linhas, que a morte física e não-física ronda o histórico familiar de Ponciá Vicêncio, fazendo-nos perceber a mimética da narração em relação ao nosso cotidiano, ao nosso tempo, a nossa história. A busca desesperada, com que a personagem nos presenteia, em busca da sua ancestralidade nos faz perceber o antevir e o porvir o jogo em que fomos inseridos e como a sociedade que ora atuamos nos faz perceber como se dão as relações que nos parecem ser naturalizadas e não discutidas. Essa mesma percepção nos demonstra que o buscar da personagem transforma-se e confunde-se com o nosso buscar, com o nosso querer, com o nosso sonhar. O mesmo sonho de encontrar a nossa ancestralidade. O mesmo sonho que sonhou o personagem Kunta Kinte. O mesmo sonho de Marthin Luter King Junior ou do *rapper* Fler, do grupo Família IML. Gostaríamos de encontrar esse mundo idealizado, de sonho, de uma África onde entenderíamos a nossa história, as nossas lutas, as nossas

diferenças, as nossas crenças. Enfim: as nossas várias perdas orais, vivenciais e emocionais.

### Referências:

- AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ATHAYDE, Celso...etc. **Cabeça de Porco**/Celso Athayde, MV Bill, Luiz Eduardo Soares. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- DASTUR, Françoise. **A Morte: ensaio sobre a finitude**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- DUARTE, Eduardo de Assis & SCARPELLI, Marli Fantini, **Poéticas da Diversidade**. Belo Horizonte, Editora UFGM, 2002.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo, edições Loyola, 1969.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**/Linda Hutcheon; tradução Ricardo Cruz – Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- IANNI, Otávio. **“Literatura e consciência”** in Estudos afro-asiáticos n. 15, Rio de Janeiro, 1988.
- KRISTEVA, Julia. **Sol Negro: melancolia e depressão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- LAMBOTTE, Marie-Claude. **Estética da Melancolia**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- MOORE, Carlos. **A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro**. (Coleção repensando África, Volume 1), Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Tradução de Cleone Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- PINCUS, Lily. **A família e a morte: como enfrentar o luto**. Tradução de Fátima Murad; revisão técnica de Osmyr Faria Gabbi Jr. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.
- UNESCO. **História Geral da África**. A tradição viva” – capítulo 8. UNESCO, Ática, 1982.
- [http://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm). Casa Civil, **Lei 10.639/2003**. - acessado em 24/06/2008.